

Contribuições para a arqueologia do planalto catarinense: escavações no município de Passos Maia

*Valdir Luiz Schwengber**

*Raul Viana Novasco***

*Alessandro De Bona Mello****

Resumo

A presente pesquisa foi realizada no município de Passos Maia, região oeste de Santa Catarina e/ou Campos de Palmas, associada a um empreendimento na área de transmissão de energia elétrica. Através desta, foram identificados seis sítios arqueológicos em um raio de 600 metros, dos quais, três são lito-cerâmicos superficiais, dois são compostos por estruturas subterrâneas, e um apresenta somente material lítico na superfície. Dos seis sítios, dois foram escavados e tiveram seu material analisado: Santa Terezinha I (lito-cerâmico) e Santa Terezinha III (estruturas subterrâneas). Através das atividades realizadas sobre os sítios foi possível verificar que o material associado ao sítio Santa Terezinha I pertence à fase Xaxim da Tradição Taquara/Itararé, já as estruturas subterrâneas do sítio Santa Terezinha III estão situadas no horizonte cronológico que varia entre os séculos VIII e IX da nossa Era. Tais dados informam, portanto, que a ocupação Jê no planalto dos Campos de Palmas pode ser tão antiga quanto àquelas do planalto dos Campos de Lages.

Palavras-chave: Jê meridional. Arqueologia no planalto. Passos Maia.

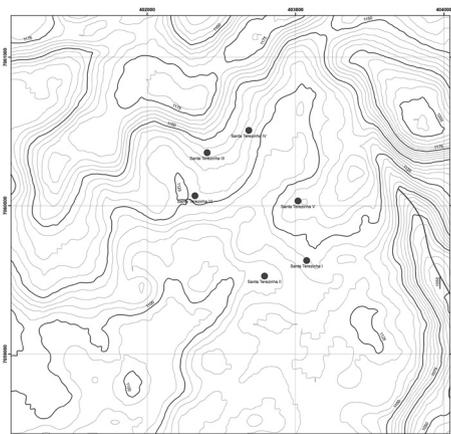
Introdução

No decorrer do primeiro mês de monitoramento arqueológico realizado na área do traçado da Linha de Transmissão PCH Passos Maia – SE Palmas (Trecho Santa Catarina), em meados de 2011, foram identificadas cinco áreas nas quais verificou-se a presença de sítios arqueológicos¹. Das cinco áreas, duas delas estavam situadas em locais que sofreriam impactos diretos em função das obras de implantação da linha.

Os dois sítios foram cadastrados como Santa Terezinha I e Santa Terezinha III e, neles, foram identificados vestígios dos grupos portadores das tradições Taquara/Itararé, chamados de Jê Meridionais. O Santa Terezinha I é um sítio lito-cerâmico superficial implantado sobre o topo de uma colina, onde verificou-se a ocorrência de fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara e materiais líticos lascados². Já o sítio Santa Terezinha III, implantado em média vertente, é composto por quatro estruturas subterrâneas agrupadas.

Diante do cronograma das obras de implantação da linha de transmissão, foram realizadas durante o mês de dezembro do ano de 2011, as atividades de resgate arqueológico nos dois sítios supracitados. Tais atividades foram realizadas de acordo com as normativas da Portaria IPHAN N° 230 e procuraram atingir seu objetivo principal: contribuir para a construção de um modelo que visa compreender o processo de ocupação dos Jê no sul do Brasil e, para o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no planalto meridional brasileiro, promovendo a preservação do patrimônio arqueológico e transformando-o em conhecimento para a sociedade.

Figura 01 - Planta de localização dos sítios arqueológicos

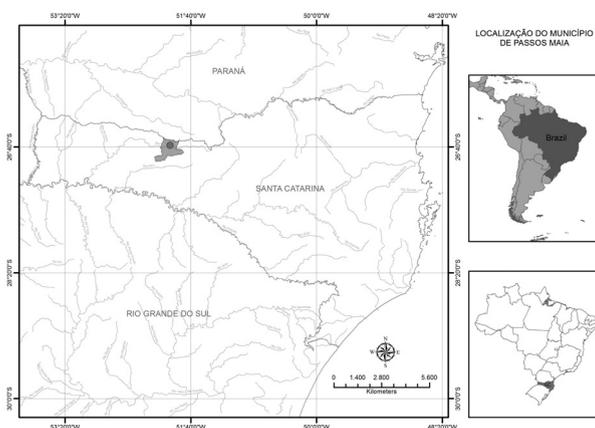


Elaborado por Raul Viana Novasco.

Caracterização ambiental da área

O município de Passos Maia localiza-se sob as coordenadas geográficas $26^{\circ}39'35''S$ / $52^{\circ}2'59''W$, a uma altitude de 810 metros. A base da economia é a agropecuária. Segundo dados do IBGE do ano de 2010, sua população é de 4.416 habitantes.

Figura 02 - Localização do município de Passos Maia



Elaborado por Raul Viana Novasco.

Na área onde estão situados os sítios arqueológicos escavados, a formação vegetal é composta, principalmente, por Floresta Ombrófila Mista (FMO), conhecida também como “mata das araucárias”. Sua denominação é dada pela presença de uma conífera, a Araucária angustifolia, conhecida como Pinheiro-do-Paraná. Além da mata de araucária, compõe também a formação vegetal da microrregião onde será implantada a linha de transmissão, as estepes, também conhecidas como “campos naturais de planalto”, são compostas por espécies de gramíneas como o capim-caninha, capim-colchão, etc. (SONEGO, 2007; SANTA CATARINA, 2008).

A região do Oeste Catarinense - onde está localizado o município de Passos Maia - está situada sobre o domínio morfoestrutural formado por bacias e coberturas sedimentares fanerozóicas recobertas por araucárias, chamado de Planalto dos Campos Gerais. Esse domínio geomorfológico está dividido em duas regiões hidrográficas: Bacia do Paraná e Bacia do Uruguai, que abrange as terras altas dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Planalto dos Campos Gerais foi desenvolvido sobre rocha sedimentar e apresenta um conjunto de relevos dissecados com altitudes elevadas. Sua modelagem se dá devido a dissecação fluvial que age sobre as rochas vulcânicas básicas que não apresentam um forte controle estrutural. Nesse tipo de modelado, observam-se vários padrões de drenagem, sendo predominantes os padrões onde os canais não obedecem a uma direção preferencial, bem como os padrões dendríticos, subparalelo e sub-retangular.

A geologia local é composta basicamente pelas Formações Serra Geral e suas Fácies Parapanema, Caxias e Chapecó. A Formação Serra Geral é constituída por uma sucessão de derrames de lavas, predominantemente básicas, contendo domínios subordinados intermediários e ácidos. Geralmente encontram-se bastante fraturados, exibindo fraturas conchoidais características. Esta formação é consequência de um intenso magmatismo de fissura, correspondendo ao encerramento da evolução gonduânica da bacia do Paraná e, segundo dados radiométricos, está situada no Cretáceo Inferior, datando de aproximadamente 120 milhões de anos.

As Fácies Chapecó são formadas por rocha que variam de intermediária a félsica, de matriz variável entre microfanerítica e vitrofírica, com fenocristais de plagioclásio associados a piroxênio. As Fácies Caxias são formadas por rochas que variam de intermediária a félsica (riodacítica), mesocrática; apresentando horizontes superiores com disjunção tabular regular e raras vesículas preenchidas por sílica. Já as Fácies Paranapanema são compostas por basalto granular que variam de fino a médio, mesocrático, com horizontes vesiculares preenchidos por quartzo, zeolita, seladonita e carbonato (PERROTA *et al.*, 2004).

Pedologicamente, a área do estudo é composta principalmente por camadas de Latossolos, Nitossolos e Cambissolos. Os Latossolos são solos em avançado estágio de intemperização, muito evoluídos, resultantes de enérgicas transformações no material construtivo, que nesse caso são as rochas basálticas. São normalmente muito profundos, sendo a espessura do solum raramente inferior a um metro (EMBRAPA, 2006).

Nitossolos são associações de solos com pequena diferença de textura entre o horizonte A e B, porém com textura geral ainda predominantemente argilosa. Apresentam contato lítico em até 1,50 metros de profundidade e são predominantemente férteis. Os Cambissolos, também presentes na área em que os sítios estão inseridos, se caracterizam por apresentarem solos pouco profundos em que o horizonte B é pouco desenvolvido, com cerca de 10 cm de espessura. Esses solos apresentam textura cascalthenta, pois ao longo do perfil contêm fragmentos pouco alterados do seu material de origem. A fertilidade desse tipo de solo varia de acordo com a rocha da qual se originou (EMBRAPA, 2006).

O programa de resgate arqueológico

O programa de resgate arqueológico teve como objeto dois sítios arqueológicos, situados na área de influência direta da linha de transmissão de 138kv que liga a PCH Passos Maia à Subestação energética da Copel, situada em Palmas, estado do Paraná.

Ambos os sítios foram identificados durante as atividades de monitoramento arqueológico que foram realizadas durante o processo de instalação da linha de transmissão e, além dos dois sítios resgatados, foram identificados mais três sítios, os quais encontram-se fora da área de influência direta do empreendimento e, um último sítio arqueológico identificado já na etapa de resgate.

Os sítios sobre os quais realizamos as atividades de resgate foram denominados como Santa Terezinha I e Santa Terezinha III. Como visto anteriormente, o sítio Santa Terezinha I trata-se de um sítio lito-cerâmico superficial, implantado sobre topo de colina suave em área de relevo suave-ondulado. No mesmo foram identificados materiais arqueológicos associados aos grupos Jê, que ocuparam as terras altas sul brasileiras em período anterior a chegada dos colonizadores europeus. Já o sítio Santa Terezinha III é composto por quatro estruturas subterrâneas, às quais, atribui-se a função de moradia.

Santa Terezinha I

Considerando o grau de integridade deste sítio arqueológico e buscando compreender o seu processo de formação, optamos por realizar sondagens amostrais por toda a área na qual o sítio estava implantado. Dessa forma foi possível verificar as dimensões do sítio e a real situação do pacote arqueológico.

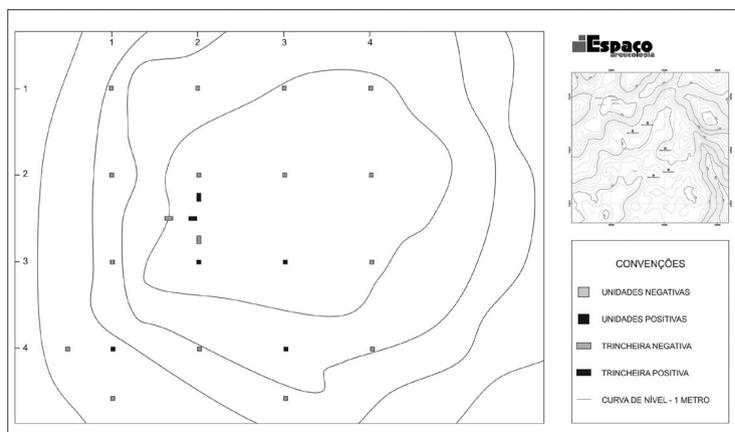
Inicialmente realizamos novos caminhamentos sobre a área do sítio para verificar onde estariam as áreas com maior concentração de material e, concomitantemente, realizamos a coleta de todos os artefatos encontrados, atribuindo a cada peça uma coordenada UTM obtida através de um aparelho receptor GPS de navegação *Garmin Csx60*. Através dos caminhamentos e das coletas verificamos que o material se encontrava bastante disperso em uma área de 30 x 40 metros, não havendo grandes acúmulos de material em locais específicos. Partindo disso, iniciamos a escavação das unidades amostrais em uma malha de 10 x 10 metros. As unidades possuíam 50 x 50 centímetros e atingiram profundidade máxima de 40 centímetros

(ver Figura 03).

Através das escavações verificou-se que o material arqueológico encontrava-se acumulado sobre uma área de 11 x 12 metros. Foram evidenciados fragmentos de cerâmica e material lítico nas unidades 1/4, 2/3, 3/3, 3/4 e nas trincheiras 1 e 3.

A partir das escavações ficou evidente, também, que o grau de integridade da estrutura arqueológica era realmente muito baixo. Os materiais encontrados nas unidades apresentaram alto grau de fragmentação e a estratigrafia do sítio apresentou irregularidades causadas por atividades antrópicas recentes.

Figura 03 - Croqui de intervenções realizadas sobre o sítio Santa Terezinha I



Elaborado por Raul Viana Novasco.

Santa Terezinha III

Por se tratar de um sítio composto por quatro estruturas subterrâneas, adotamos métodos diferentes dos aplicados durante o resgate do sítio Santa Terezinha I. Iniciamos o trabalho de resgate evidenciando as estruturas, a fim de verificar com maior precisão as dimensões de cada uma, bem como a implantação das mesmas dentro do conjunto.

A Estrutura 01 possuía 5,3 x 5,2 x 0,60 metros e estava situada sob as coordenadas UTM 22J 402524/7060446. A Estrutura 02 possuía

4,5 x 5,2 x 0,65 metros e estava situada sob as coordenadas UTM 22J 402525/7060452. A Estrutura 03 possuía 6,8 x 7,3 x 0,90 metros e estava situada sob as coordenadas UTM 22J 402527/7060457. A Estrutura 04 possuía 7,1 x 7,3 x 1,0 metros e estava situada sob as coordenadas UTM 22J 402529/7060461 (Ver croqui 02).

Das quatro estruturas, escolhemos duas para serem escavadas, a Estrutura 01 e a Estrutura 03. Na Estrutura 01 foi escavada uma unidade central medindo 1 x 1 metro, através da qual buscamos identificar vestígios de fogões e apoio de esteios, verificar quantas ocupações foram empreendidas nesta estrutura, além de coletar material para datação. A unidade escavada atingiu os 80 centímetros de profundidade e, através dela, foi possível constatar a ocorrência de duas ocupações ocorridas em períodos distintos. Na base da estrutura verificamos a existência de material lítico disperso no piso da estrutura. É possível que esses materiais tenham composto uma estrutura de combustão, contudo, não estavam aglomeradas, como de costume.

Na Estrutura 03 escavamos uma trincheira, iniciada a partir da borda da estrutura em direção ao centro da mesma, com as dimensões de 3,5 x 0,75 metros, através da qual buscamos identificar o formato da estrutura, bem como verificar a ocorrência de artefatos, estruturas de combustão e de material pra datação. A trincheira escavada alcançou, na parte central da estrutura, 1,10 metro abaixo da superfície atual. Através dela identificamos uma lasca em arenito silicificado no nível 9 e, um pouco abaixo, pequenos blocos de basalto em decomposição dispersos. Verificamos, também, que a estrutura possui forma de “chapéu virado”, formato comumente identificado em todo planalto meridional brasileiro (SCHMITZ et al, 2002; BEBER, 2005; MASI, 2006; REIS, 2007; ROGGE, SCHMITZ, 2009; SCHMITZ, et al. 2010).

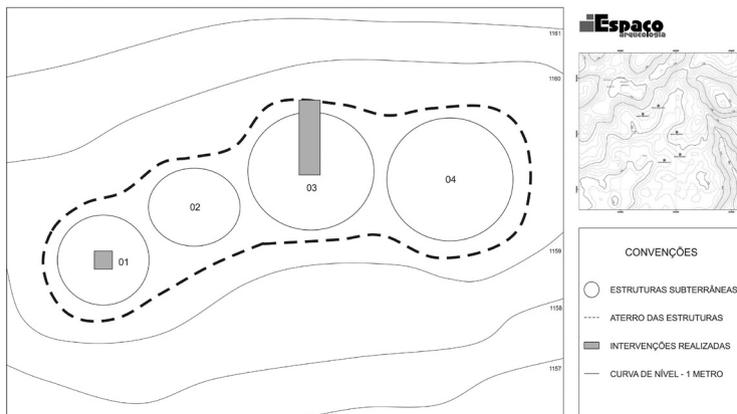
Importante salientar que em nenhuma das intervenções realizadas foi encontrado material cerâmico, o que pode indicar que tal ocupação seja de um período em que a cerâmica ainda não era produzida por este grupo.

Figura 04 - Escavação das estruturas 01 e 03.



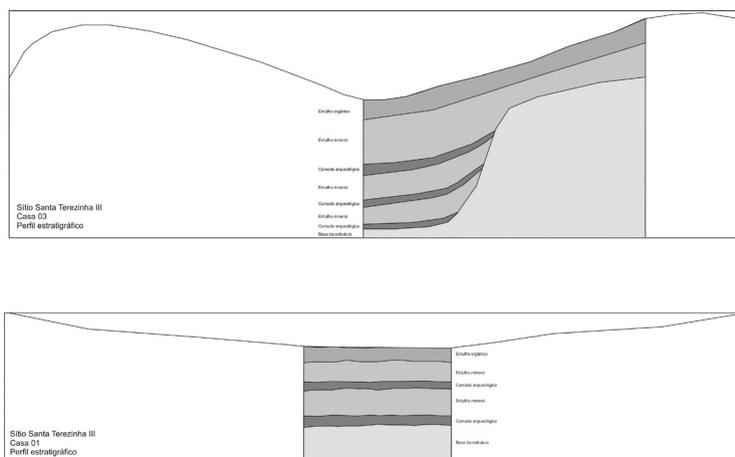
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 05 - Croqui de intervenções realizadas no sítio Santa Terezinha III



Elaborado por Raul Viana Novasco.

Figura 06 - Perfis estratigráficos das estruturas 03 e 01, respectivamente



Elaborado por Raul Viana Novasco.

Análise do material cerâmico: sítio Santa Terezinha I

O acervo do sítio arqueológico Santa Terezinha I possui um total de 147 fragmentos de cerâmica, dos quais, 99 apresentaram condições de serem analisados e foram organizados em 5 catálogos, conforme a etapa do resgate e a proveniência. Boa parte do material foi encontrado disperso na superfície do sítio, de onde foram coletados 76 cacos, restando 15 cacos proveniente das trincheiras e 8 fragmentos encontrados nas unidades amostrais. Por suas características, classificamos a mesma como pertencente à fase Xaxim, da Tradição Taquara/Itararé.

Quanto à morfologia dos cacos cerâmicos, a grande maioria apresentou-se como parte da parede da vasilha, também conhecido como Bojo, atingindo quase 90% de todo material. Ainda foi possível identificar 8 fragmentos de borda e 3 fragmentos provenientes da base da peça. A parte correspondente ao Bojo é frequentemente muito superior a outras partes das vasilhas por apresentarem naturalmente uma maior área em relação à totalidade da peça cerâmica.

O estudo realizado para identificar as técnicas de confecção das peças apresentou algumas dificuldades devido ao reduzido tamanho

dos fragmentos encontrados no sítio, desta forma, não foi possível identificar a técnica de confecção de 63 fragmentos, enquanto que, 36 fragmentos apresentaram como técnica o acordelado, não sendo possível a identificação da técnica de confecção do tipo modelado.

Quanto ao tratamento de superfície foi possível verificar que em 65 dos fragmentos cerâmicos ocorreram o alisamento em ambas as faces do caco, enquanto o alisamento da face interna ocorreu em 28 peças e 5 ocorrências para os fragmentos alisados na face externa. Ainda contamos com uma peça onde não foi possível verificar o tratamento de superfície. Apesar da minúcia da análise cerâmica, nenhum fragmento apresentou marcas de uso ou presença de restos de alimentação carbonizada fixados a parede interna das peças.

Realizamos a verificação da presença ou não de engobo nas peças analisadas e podemos observar a presença de uma única peça que continha uma fina camada de engobo vermelho em seu interior. Este tipo de aplicação não é comum quando se trata de cerâmica da tradição Taquara/Itararé. Em nenhuma outra peça foram encontrados vestígios de engobo, nem mesmo de outra coloração.

Quanto à decoração plástica dos fragmentos cerâmicos foi possível observar a presença de 24 peças com algum tipo de decoração, enquanto que em 75 peças, só ocorre o alisamento. As demais decorações plásticas existentes foram as seguintes: pinçado (13), Incisos (7), ponteados (3) e escovado com um único fragmento.

Discussão e considerações

Como apresentado anteriormente, a presente pesquisa arqueológica foi realizada no município de Passos Maia, região oeste do Estado de Santa Catarina, tendo como objeto de estudo, sítios pré-coloniais que, ao que tudo indica, são resquícios de um processo de ocupação empreendido por grupos Jê.

Os sítios estão implantados em áreas com altitudes que variam entre 1110 e 1200 metros, originalmente cobertas por floresta ombrófila mista, onde é comum a ocorrência de banhados de elevação que dão origem a pequenos tributários do Rio Chapecó. É nesse tipo

de paisagem que os grupos Jê – migrando do centro-oeste brasileiro – se instalam, ocupando todo o planalto meridional brasileiro.

Também, conforme pode ser visto nas sessões anteriores, foram estudados dois tipos de sítios arqueológicos. Um deles, o Santa Terezinha I, trata-se de um sítio lito-cerâmico superficial, no qual foram observados fragmentos de vasilhas cerâmicas, artefatos líticos e matéria-prima utilizada para o processo de confecção de instrumentos utilitários. Este apresentou dimensões características de sítios acampamentos de curta duração. Mesmo que o material estivesse disperso em superfície sobre uma área de 1200 m², nas sondagens escavadas ficou claro que o material, originalmente, encontrava-se concentrado em uma área de aproximadamente 120 m².

Além do sítio Santa Terezinha I, os sítios Santa Terezinha II e Santa Terezinha IV, aparentemente, apresentam a mesma configuração e estão implantados da mesma forma na paisagem. Os três encontram-se instalados no topo de suaves colinas situadas às margens de um banhado de elevação que, aproveitando a morfologia do terreno, despeja sua água em um córrego situado a 900 metros à leste dos sítios.

Cada sítio possui somente uma estrutura, na qual são verificados materiais lito-cerâmicos que apresentam a mesma tipologia. As três estruturas apresentam distâncias entre si que variam entre 300 e 500 metros e, desconsiderando o que seria a cobertura vegetal original (floresta arbustiva com altos pinheiros), é possível estabelecer contato visual entre elas. Contudo, considerando a proximidade, as dimensões reduzidas, a baixa densidade de material lito-cerâmico e da estrutura de terra escurecida, acreditamos que os sítios foram acampamentos temporários que, muito provavelmente, foram empreendidos em momentos distintos, mas por um mesmo grupo em um curto intervalo de tempo.

É importante salientar que tais hipóteses são levantadas tomando em consideração a pequena amplitude da área em que estão dispostas as estruturas e as características dos fragmentos cerâmicos. Maiores inferências só poderiam ser propostas a partir de dados referentes à cronologia das estruturas, no entanto, não foi possível obter material

confiável para datação.

O outro sítio escavado, denominado Santa Terezinha III era composto por quatro estruturas subterrâneas, às quais são atribuídas diversas funcionalidades. Reis (2007 apud SCHMITZ; NOVASCO 2011), em seu trabalho desenvolvido sobre as estruturas subterrâneas do planalto catarinense, realiza cruzamentos de dados estatísticos, através dos quais, infere hipóteses sobre a distribuição espacial dos sítios e sobre a funcionalidade das estruturas, associando os dados obtidos em sua pesquisa – realizada sobre uma amostragem de 48 sítios localizados no município de São José do Cerrito – com os dados referentes a sítios localizados no sudoeste e noroeste do continente americano, onde foram registradas estruturas subterrâneas utilizadas como habitação, local de armazenamento de alimentos e espaço cerimonial (REIS, 2007).

Embora, evidentemente, se esteja levando em consideração a distância geográfica, temporal e cultural entre estas realidades arqueológicas e a que se está tentando analisar, estas informações permitem que se elaborem, com certo grau de plausibilidade, hipóteses que atribuam também as nossas estruturas subterrâneas funções residenciais cerimoniais e econômicas (REIS, 2007, p. 186).

Rogge; Schmitz (2009), durante as pesquisas em São Marcos, também levantam a hipótese de que algumas estruturas subterrâneas que compunham os sítios poderiam servir como silos devido ao seu tamanho, uma vez que as estruturas muito pequenas não poderiam servir como habitação – principal função atribuída às estruturas.

Reis (2007 apud SCHMITZ; NOVASCO, 2011), justifica a funcionalidade habitacional das estruturas considerando a abundância com que as mesmas são encontradas e a articulação das unidades entre si. Além disso, considera também as características climáticas, o relevo e a proximidade a recursos hídricos. Segundo a pesquisadora, a capacidade de absorção de calor da terra e a eficiência de amortecimento das variações anuais de temperatura, fazem com que as estruturas subterrâneas sejam boas alternativas para amenizar as baixas temperaturas. Com relação ao relevo, Reis justifica a maior

concentração de estruturas subterrâneas no topo e nas encostas de elevações, considerando seu caráter defensivo, tanto a ações naturais (alagamentos) quanto a ações antrópicas. A pesquisadora constatou, também, que todos os agrupamentos de estruturas subterrâneas estão situados a menos de 1000 metros de distância de pequenos córregos, o que torna a captação de recursos mais viável.

O sítio escavado se enquadra em alguns dos padrões identificados por Reis durante sua pesquisa. O conjunto de quatro estruturas está implantado em média encosta a uma distância de, aproximadamente, 250 metros de um pequeno córrego situado na baixa vertente da mesma encosta onde estão as estruturas. O local onde os sítios estão instalados possui boa drenagem, fica constantemente exposto ao sol e permite boa visibilidade nas orientações norte, sul e leste.

A partir das escavações realizadas na Estrutura 3 do conjunto Santa Terezinha III coletamos carvão do nível 10 (primeira ocupação da estrutura) para qual obteve-se a data de 1140 +- 30 A.P. (Beta-317421). Dentre as três camadas de ocupação evidenciadas na estrutura, decidimos por datar a primeira camada com o objetivo de identificar o início da ocupação na região.

Esta é, até o momento, a segunda data mais antiga obtida na região dos campos de Palmas (noroeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná). Chmyz (1968, 1969, *et al* 2003), obteve uma data mais antiga no município de Candói (1475 +- 65 A.P.³) e datas um pouco mais recentes nos municípios de Mangueirinha, Cruz Machado e União da Vitória, todos no estado do Paraná (656 +- 60 A.P.⁴, 777 +- 87 A.P.⁵, 733 +- 39 A.P.⁶).

Mais ao sul, no município de Concórdia (SC), Piazza (1969) identificou 12 sítios cerâmicos situados em topos de pequenos morros próximo à cursos de água. Para esta ocupação Piazza obteve data de 975 +-90 A.P.⁷ Caldarelli; Herberts (2002), durante o projeto da UHE Quebra Queixo, situada no médio curso do Rio Chapecó, município de Ipuacu (SC), identificaram 4 sítios com estruturas subterrâneas e, a partir da escavação de uma das estruturas do sítio QQ-22, obtiveram a data de 144 A.P.⁸

Durante seu projeto de pesquisa realizada na década de 1970,

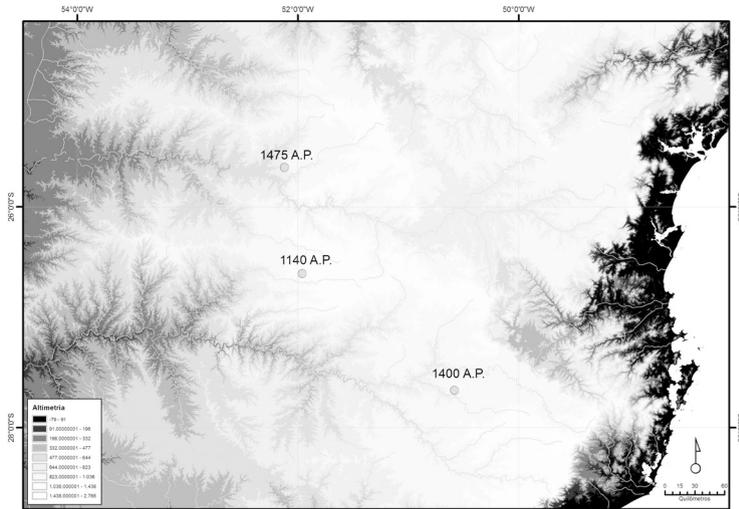
Maria José Reis (2007) identificou 104 sítios arqueológicos, sendo que 83 estão localizados na região dos campos de Lages e 21 na região oeste. Com os dados obtidos durante a pesquisa, Reis identificou diferenças entre os sítios mapeados na região do planalto serrano e os do oeste catarinense. Os dados apresentados pela pesquisadora mostram que as estruturas subterrâneas identificadas no planalto possuem dimensões que variam entre 3 e 20 metros de diâmetro, apresentando tamanhos maiores do que as estruturas identificadas no oeste do estado, que, por sua vez, possuem dimensões que variam entre 2 e 6 metros de diâmetro. Para Reis, isso é decorrente das diferenças ambientais existentes entre as duas regiões e diferença temporal entre as ocupações empreendidas. Para a autora, os sítios do oeste catarinense são decorrentes de ocupações bastante tardias, como consequência de uma migração que parte das terras mais altas do planalto, em direção às áreas situadas em altitudes menores.

No entanto, as datas apresentadas neste estudo, corroboram para a elaboração de um panorama diferente. Mesmo que as datas obtidas em áreas mais baixas sejam relativamente mais recentes, o intervalo cronológico entre as ocupações não está tão delimitado.

Com os dados obtidos até o presente momento, o panorama que propomos para a ocupação dos Jê no planalto meridional brasileiro se divide em dois momentos:

O primeiro momento está representado pelas ocupações captadas nas áreas adjacentes aos grandes patamares dos campos gerais, geralmente situados entre as cotas de 1200 e 900 metros. Nessas locais as datas variam ente 1475 e 1140 A.P.

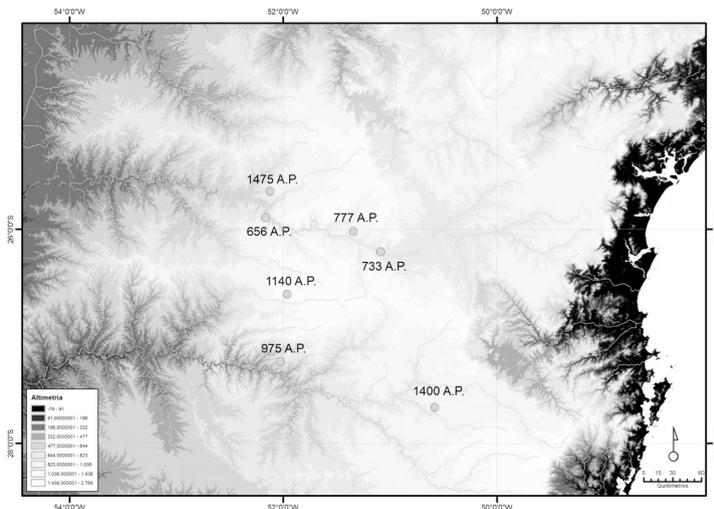
Figura 07 - Primeiro momento do processo de ocupação do Jê meridional



Elaborado por Raul Viana Novasco.

O segundo momento está representado pelas ocupações captadas em áreas altas situadas próximas aos vales dos grandes rios (Uruguai, Iguaçu, etc.), onde predominam cotas que variam entre 1000 e 700 metros. Nesse período as datas vão desde 975 até 656 A.P.

Figura 08 - Segundo momento do processo de ocupação do Jê meridional



Elaborado por Raul Viana Novasco.

As pesquisas desenvolvidas até o momento indicam que tal processo de ocupação está relacionado ao processo de dispersão da mata de araucária pelas terras altas do sul do Brasil. Dados paleoambientais obtidos por Behling (2002), denotam o início da dispersão das florestas a partir do século V d.C. (depois de Cristo), onde começam a ocupar as encostas do planalto e as matas de galeria ao longo dos grandes rios. Entre os anos 800 e 1200 d.C essa expansão diminui, retomando, com maior expressão a partir do século XIV d.C.

É nesse período que o padrão clássico de ocupação dos construtores de estruturas subterrâneas se estabelece. Aglomerados com mais de cinco estruturas próximos a áreas centrais de socialização (danceiros), aterros bem definidos e ocorrência de montículos. Como pode ser visto em Schmitz (1988) e Schmitz *et al* (2010), boa parte dos sítios com estruturas subterrâneas estão situados no horizonte cronológico que vai de 800 A.P. até 500 A.P. Mas a única certeza que temos até o momento, é a de que muitas pesquisas ainda devem ser realizadas para que se possa compreender o processo de ocupação Jê nas terras altas sulinas.

Notas

* Professor de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Desenvolve trabalhos nas diferentes áreas de arqueologia, com ênfase na educação patrimonial. valdirluiz@gmail.com.

** Acadêmico em nível de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente desenvolve pesquisas a respeito da ocupação Jê no planalto meridional brasileiro. raulnovasco@gmail.com.

*** Acadêmico em nível de especialização do Programa de Pós-graduação em Arqueologia Subaquática pela Universidade Autónoma de Lisboa. Atualmente desenvolve trabalhos em diferentes áreas da arqueologia, com ênfase em arqueologia catarinense. alessandrodebona@hotmail.com.

¹ Dos cinco sítios mapeados durante o monitoramento, três são superficiais com presença de cerâmica Taquara/Itararé da fase Xaxim (Santa Terezinha I, II e V), um é superficial com presença de material lítico lascado (Santa Terezinha IV), e o outro é composto por estruturas subterrâneas (Santa Terezinha III). Durante as escavações realizadas no sítio Santa Terezinha III, identificamos outro sítio composto por estruturas subterrâneas (Santa Terezinha VI), totalizando seis sítios dentro da fazenda Santa Terezinha.

² Todo o material arqueológico coletado nas escavações, bem como a documentação produzida, está sob a guarda do CEOM/UNOCHAPECÓ, instituição que cedeu o endosso para que o projeto pudesse ser realizado.

³ Associada a sítios com presença de cerâmica Itararé da Fase Candói. Amostra SI-2197.

⁴ Associada a sítios com presença de cerâmica Itararé da Fase Xagu. Amostra SI-6396.

⁵ Associada a sítios com presença de cerâmica Itararé da Fase Catanduvás. Amostra SI-892.

⁶ Associada a sítios com presença de cerâmica Itararé da Fase Catanduvas. Amostra SI-141.

⁷ Associada a sítios com presença de cerâmica Taquara da Fase Xaxim. Amostra SI-825.

⁸ Obtida através de escavações em estrutura subterrânea. Amostra Beta-165798.

Referências

BEBER, Marcus Vinícius. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé**. São Leopoldo: UNISINOS. Tese de doutorado, 2005.

BEHLING, Hermann. South and southeast brazilian grassland during the late quaternary times: a synthesis. **Paleogeography, Paleoclimatology, Paleoecology**, 177, Bremen, p. 19-27, 2002.

CALDARELLI, Solange Bezerra; HERBERTS, Ana Lúcia. Estruturas habitacionais escavadas na bacia do rio Chapecó, extremo oeste catarinense. **Pesquisas, Antropologia**, 56, São Leopoldo, p.139-156, 2002.

CHMYZ, Igor. Subsídios para o estudo arqueológico do vale do Rio Iguaçu. **Revista do Centro de Pesquisas Arqueológicas**, Curitiba, 1, 1968.

_____. **Pesquisas arqueológicas no alto e médio Rio Iguaçu: resultados preliminares do terceiro ano, 1967/1968**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969.

CHMYZ, Igor; BORA, Eloi; CECCON, Roseli Santos; SGANZERLA, Eliane Maria; VOLCOV, Jonas Elias. A Arqueologia da área do aterro sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**, 2, Curitiba, p. 1-138, 2003.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: SPI, 2006.

PERROTA, Mônica Mazzini; SALVADOR, Elizete Domingues; LOPES, Ricardo Cunha; D'AGOSTINO, Liz Zanchetta; WILDNER, Wilson; RAMGRAB, Gilberto Emílio; PERUFFO, Nazário; FREITAS, Marcos Alexandre de; GOMES, Sylvio Dutra; CHIERAGATI, Luis Antonio; SILVA, Luis Carlos da. Folha Curitiba SG-22. **Carta**

Geológica do Brasil ao Milionésimo. Brasília: CPRM, 2004.

PIAZZA, Walter. Notícia arqueológica do Vale do Uruguai. **Programa nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do segundo ano, 1966-67.** Belém, p. 55-70, 1969.

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense.** Erechim: Habilis, 2007.

ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. **Pesquisas, Antropologia**, 67, São Leopoldo, p. 23-132, 2009.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado do Planejamento. **Atlas de Santa Catarina.** Florianópolis: Governo de Santa Catarina, 2008.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. **Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil.** São Leopoldo, p. 75-130, 1988.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; ROSA, André Osório; BEBER, Marcus Vinícius; MAUHS, Julian; ARNT, Fúlvio Vinícius. Projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. **Pesquisas, Antropologia** 56, São Leopoldo, p. 11-106, 2002.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ARNT, Fúlvio Vinícius; BEBER, Marcus Vinícius; ROSA, André Osório; ROGGE, Jairo Henrique. Taió, no Vale do Rio Itajaí, SC. **Pesquisas, Antropologia** 67, São Leopoldo, p. 185-320, 2009.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ARNT, Fúlvio Vinícius; BEBER, Marcus Vinícius.; ROSA, André Osório; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. **Pesquisas, Antropologia** 68, São Leopoldo, p. 7-78, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; NOVASCO, Raul Viana. Arqueologia no Planalto: o uso do SIG na aplicação de análises espaciais dos sítios arqueológicos da localidade de Boa Parada, município de São José do Cerrito. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**, 21, São Paulo, p. 167-183, 2011.

SONEGO, Rubia Cristina. Descrição da estrutura de uma Floresta Ombrófila Mista. São Leopoldo: UNISINOS. Dissertação de Mestrado. 2007.

Abstract

This research was conducted in the municipality of Passos Maia, west of Santa Catarina and / or Palmas Fields, associated with a new development in the area of electric power transmission. Through this six archeological sites were identified within a radius of 600 meters, of which three are litho-ceramic surface, two consist of underground structures, and presents only lithic material on the surface. Of the six sites, two have been excavated and analyzed their material: Santa Terezinha I (litho-ceramic) and Santa Therezinha III (underground structures). Through the activities conducted on the sites was possible to verify that the material from the archeological site Santa Therezinha I belongs the phase Xaxim Tradition Taquara / Itararé and the underground structures from Site Santa Terezinha III are located in chronological period between VIII and IX centuries a. C. (after Christ). These data inform our Age, therefore, that the occupation of Je on the plateau Palmas Fields may be as old as those of the plateau of Campos de Lages.

Keywords: Southern Je. Plateau in archeology. Passos Maia.